

Ensino remoto emergencial (ERE) na educação superior: aprendizagens desterritorializadas

Manuel Tavares, Sandra Gomes & Minéa Paschoaleto Fratelli

Resumo

O cenário atual de pandemia, que afetou todo o mundo, desde o início de 2020, teve importantes e significativos impactos em todas as áreas da sociedade, com particular destaque, na educação. É sobre alguns desses impactos que refletiremos no presente texto. O estudo que se propõe tem por objetivo refletir sobre os efeitos da pandemia na educação superior, com especificidade no Brasil e como questão de pesquisa “quais as opiniões dos estudantes de um curso de Pedagogia sobre o ensino remoto emergencial”? Faremos algumas reflexões a partir de literatura publicada em 2020-2021 e completaremos essa reflexão a partir de dados empíricos coletados por questionário aplicado a estudantes de um curso de Pedagogia de uma IES particular. A incerteza, perplexidade, volatilidade, complexidade e ambiguidade fazem parte integrante do cotidiano de estudantes, suas famílias e dos professores e gestores. O virtual tornou-se a única realidade perante a qual é necessário fazer escolhas e tomar decisões. A necessidade de adaptações nos sistemas de ensino com o recurso às novas tecnologias teve como efeito a adoção de um caminho simples, ou seja, pela mera utilização das tecnologias, não se sabendo ainda quais os efeitos na aprendizagem/formação dos estudantes. Este caminho, que consiste na mera substituição de aulas presenciais por aulas online, não garante, a priori, a qualidade de ensino. Como não se conhecem dados empíricos que permitam refletir sobre os efeitos nos estudantes da substituição das aulas presenciais por aulas online, pretendemos saber, a partir dos dados coletados, quais os impactos negativos e positivos, das alterações em curso.

Palavras-chave:

COVID 19; ensino remoto emergencial; educação superior; impactos.

Emergency Remote Education (ERE) In Higher Education: Deterritorialized Learning

Abstract: The current pandemic scenario, which has affected the entire world since the beginning of 2020, has had important and significant impacts in all areas of society, with particular emphasis on education. It is about some of these impacts that we will reflect in this text. The proposed study aims to reflect on the effects of the pandemic on higher education, with specificity in Brazil and as a research question: "what are the opinions of students of a Pedagogy course on emergency remote teaching"? We will make some reflections based on the literature published in 2020-2021 and we will complete this reflection based on empirical data collected through a questionnaire applied to students of a Pedagogy course at a particular HEI. Uncertainty, perplexity, volatility, complexity and ambiguity are an integral part of the daily lives of students, their families and teachers and administrators. The virtual has become the only reality in which choices and decisions have to be made. The need for adaptations in education systems with the use of new technologies had the effect of adopting a simple path, that is, by the mere use of technologies, the effects on student learning/training are not yet known. This path, which consists of the mere replacement of in-person classes with online classes, does not guarantee, a priori, the quality of teaching. As there is no known empirical data that allow us to reflect on the effects on students of replacing face-to-face classes with online classes, we intend to know, from the data collected, what are the negative and positive impacts of the on going changes.

Keywords: COVID 19; emergency remote learning; college education; impacts.

L'enseignement D'Urgence a Distance (EUD) Dans L'Education Superieur : L'Apprentissage Deterritorialise

Résumé : Le scénario de pandémie actuel, qui affecte le monde entier depuis le début de 2020, a eu des impacts importants et significatifs dans tous les domaines de la société, avec un accent particulier sur l'éducation. C'est à propos de certains de ces impacts que nous allons réfléchir dans ce texte. L'étude proposée vise à réfléchir sur les effets de la pandémie sur l'enseignement supérieur, avec une spécificité au Brésil et comme question de recherche « quelles sont les opinions des étudiants d'un cours de Pédagogie sur l'enseignement à distance d'urgence »? Nous ferons quelques réflexions sur la base de la littérature publiée en 2020-2021 et nous compléterons cette réflexion sur une base de données empirique, collectées à travers un questionnaire appliqué aux étudiants d'un cours de Pédagogie d'une IES particulière. L'incertitude, la perplexité, la volatilité, la complexité et l'ambiguïté font partie intégrante de la vie quotidienne des élèves, de leurs familles et des enseignants et administrateurs. Le virtuel est devenu la seule réalité dans laquelle des choix et des décisions doivent être faits. La nécessité d'adaptations des systèmes éducatifs avec l'utilisation des nouvelles technologies a eu pour effet d'adopter une voie simple, c'est-à-dire que par la simple utilisation des technologies, les effets sur l'apprentissage/la formation des élèves ne sont pas encore connus. Ce parcours, qui consiste en le simple remplacement des cours en classe par des cours *online*, ne garantit pas, *a priori*, la qualité de l'enseignement. Comme il n'existe pas de données empiriques connues permettant de réfléchir aux effets sur les élèves du remplacement des cours en classe par des cours *online*, nous voulons savoir, à partir des données collectées, quels sont les impacts négatifs et positifs des changements en cours.

Mots-clés: COVID19 ; apprentissage d'urgence à distance; éducation supérieur; impacts.

Educación remota de emergencia (ERE) en educación superior: aprendizaje desterritorializado

Resumen: El actual escenario pandémico, que ha afectado a todo el mundo desde principios de 2020, ha tenido impactos importantes y significativos en todos los ámbitos de la sociedad, con especial énfasis en la educación. Se trata de algunos de estos impactos que reflejaremos en este texto. El estudio propuesto tiene como objetivo reflexionar sobre los efectos de la pandemia en la educación superior, con especificidad en Brasil y como pregunta de investigación "¿Cuáles son las opiniones de los estudiantes de un curso de Pedagogía sobre enseñanza de emergencia en modo remoto"? Haremos algunas reflexiones a partir de la literatura publicada en 2020-2021 y completaremos esta reflexión a partir de datos empíricos recogidos a través de un cuestionario aplicado a alumnos de un curso de Pedagogía en una IES particular. La incertidumbre, la perplejidad, la volatilidad, la complejidad y la ambigüedad son una parte integral de la vida diaria de los estudiantes, sus familias, profesores y administradores. Lo virtual se ha convertido en la única realidad en la que hay que elegir y tomar decisiones. La necesidad de adaptaciones en los sistemas educativos con el uso de nuevas tecnologías tuvo el efecto de adoptar un camino simple, es decir, por el mero uso de tecnologías. **Aún no se conocen los efectos en el aprendizaje / formación de los estudiantes. Este camino, que consiste en la mera sustitución de clases presenciales por clases online, no garantiza, a priori, la calidad de la enseñanza. Como no se conocen datos empíricos que nos permitan reflexionar sobre los efectos en los estudiantes de reemplazar las clases presenciales por clases en línea, pretendemos conocer, a partir de los datos recolectados, cuáles son los impactos negativos y positivos de los cambios en curso.**

Palabras llave: COVID 19; aprendizaje remoto de emergencia; educación universitaria; impactos.

Contextualizando o problema: aproximações teóricas

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) é uma modalidade de ensino que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos e foi adotada, de forma temporária, nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo inteiro para que as atividades escolares não fossem interrompidas. (Behar, 2020). Essa nova realidade exigiu o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação por parte das instituições educativas, estudantes e professores. Foi, sem dúvida, um processo de reinvenção das atividades pedagógicas mediadas pelas novas tecnologias, com reflexos na relação pedagógica e nas aprendizagens dos estudantes.

A evolução das tecnologias de informação e comunicação e das suas consequências, quer em nível individual, quer coletivo, tem provocado mudanças acentuadas na sociedade, impulsionando o nascimento de novos paradigmas sociais de comunicação, criando novas perspectivas de comunicação educacional e novos cenários de ensino e de aprendizagem. A pandemia, que há mais de dois anos “controla” e condiciona a vida das pessoas em todo o mundo, criou uma “nova cultura mundial” no que diz respeito aos modelos de comunicação. (Barbosa, et al., 2020)

O avanço das tecnologias digitais de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. Nesse sentido, o uso das ferramentas tecnológicas na educação deve ser visto sob a ótica de uma nova metodologia de ensino, possibilitando a interação digital dos educandos com os conteúdos, isto é, o aluno pode interagir com diversas ferramentas que o possibilitam a utilizar os seus esquemas mentais a partir do uso racional e mediado da informação. (Cordeiro, 2020, p. 4)

No entanto, muitos professores ainda veem a tecnologia em sala de aula como uma mera ferramenta instrumental que apenas amplia e, em muitos casos, substitui as didáticas tradicionais, expositivas, “bancárias” e não como um suporte para a promoção e efetivação de metodologias ativas.

A tecnologia é condição necessária, mas não suficiente, para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes, ou seja, na difusão de redes em todos os aspectos da atividade na base das redes de comunicação digital. (Castells, 2005). Impensável pensar a sociedade contemporânea sem as redes de comunicação que ultrapassam fronteiras e existem à escala global. A proliferação das redes comunicacionais promoveu o processo de desterritorialização, transferindo a comunicação dos espaços territoriais para o espaço virtual, alterando concepções de espaço e de tempo, eliminando fronteiras geográficas, mas, paradoxalmente, criando outras

fronteiras que tornam as relações mais frias e distantes, refletindo-se na reconstrução das subjetividades, das identidades individuais e coletivas e no aprofundamento do individualismo. A globalização das redes de comunicação é uma das dimensões estruturantes do capitalismo neoliberal contemporâneo que, paradoxalmente, manifesta as profundas desigualdades sociais entre os países do Norte e os países do Sul e dentro de cada país. A divisão social do trabalho acentuou-se com as novas tecnologias de informação, comunicação e produção tal como as diversas formas de exclusão.

Aquilo a que chamamos globalização é outra maneira de nos referirmos à sociedade em rede, ainda que de forma mais descritiva e menos analítica do que o conceito de sociedade em rede implica. Porém, como as redes são selectivas de acordo com os seus programas específicos, e porque conseguem, simultaneamente, comunicar e não comunicar, a sociedade em rede difunde-se por todo o mundo, mas não inclui todas as pessoas. De facto, neste início de século, ela exclui a maior parte da humanidade, embora toda a humanidade seja afectada pela sua lógica, e pelas relações de poder que interagem nas redes globais da organização social. (Castells, 2005, p. 171)

A crise provocada pela COVID 19, à escala global, desvelou o despreparo de todos os sistemas educacionais, quer do chamado mundo “desenvolvido”, quer do mundo denominado “subdesenvolvido”, para enfrentar os efeitos dessa crise. Esta realidade, do nosso ponto de vista, põe definitivamente em causa o modelo de desenvolvimento adotado pela civilização ocidental e imposto aos países vítimas da colonização, bem como o modelo de “educação para o desenvolvimento”. A crise que ainda atravessamos, sem termos ainda a consciência da amplitude das suas consequências económicas e sociais, revelou uma perplexidade consciente: uma enorme defasagem entre desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento social. Claramente, uma proporcionalidade inversa entre ambos.

Devido à expansão célere do Coronavírus, ninguém estava devidamente preparado para substituir radicalmente o ensino presencial pelo ensino remoto, apesar de o uso de tecnologias na área da educação ser adotado, há alguns anos, por muitos professores, de todos os graus de ensino, em suas práticas e, na situação atual, a necessidade de utilizar, com agilidade e criatividade, os recursos disponíveis, tendo em vista responder a uma circunstância emergencial. (Arruda, 2020). A utilização das novas tecnologias não garante, por si só, a inovação na prática pedagógica e o sucesso das aprendizagens dos estudantes. Na realidade, com a chegada e expansão exponencial do vírus, as instituições educativas e os professores foram forçados a adotar práticas de ensino a distância, mas não práticas programadas de ensino através de redes digitais devidamente experimentadas e avaliadas. As instituições, professores

e estudantes adaptaram-se em tempo-recorde como puderam e, na maior parte dos casos, sem qualquer formação específica. Apresentamos, neste texto, a visão dos estudantes de um curso de pedagogia sobre o ensino remoto e o modo como têm vivenciado a substituição do ensino presencial pelo ensino remoto. Para isso, aplicamos um questionário distribuído a 332 estudantes do curso de Pedagogia que vivem ainda essa experiência. Com efeito, a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade *online*, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. (Moreira; Henriques; Barros, 2020). Todavia, a transposição do ensino presencial para o modelo remoto, não significa que os professores tenham alterado substancialmente a sua prática pedagógica alterando a visão conteudista de ensino. As novas tecnologias, com o seu potencial de inovação, serviram, apenas, na maioria dos casos, como mediadoras para a transmissão do conhecimento. Tiveram apenas uma função instrumental. De acordo com os novos modelos pedagógicos, que centram as aprendizagens nos estudantes, também no ensino remoto se deve privilegiar a criação de um conjunto de competências que tenham em vista a autonomia do aluno, a criação do espírito crítico, a capacidade de argumentação. Mais do que a transmissão de conhecimentos, as preocupações dos professores devem dirigir-se, sobretudo, para o desenvolvimento de capacidades que preparem os estudantes para o exercício de uma cidadania participativa e crítica. (Neves et al., 2021). Não haverá cidadania global no âmbito da exclusão digital.

A pandemia COVID-19 criou condições, sem precedentes, em todas as áreas da vida social e mostrou como a suspensão da escolaridade presencial se tornou “a nova ordem” educativa mundial. Vários especialistas e formadores de opinião correram para expressar suas recomendações aos governos e organizações educacionais para normalizar as operações escolares. À luz desta crise mundial, reavaliemos as propostas para expandir o modelo de Educação para a Cidadania Global (GCE) que têm recebido atenção e apoio cada vez maiores de organizações internacionais, governos e acadêmicos. Educação para a cidadania que, no contexto pandêmico atual, parece estar cada vez mais comprometida. Neste artigo, argumentamos que a natureza predominantemente redentora dos modelos e propostas da Educação para uma Cidadania Global desde meados da década de 1990 não pode lidar com os problemas globais associados à atual pandemia, como a restrição dos direitos de privacidade dos cidadãos, o fortalecimento de mensagens nacionalistas excludentes, ou a tendência ao aprofundamento das desigualdades sociais. Uma Educação para a Cidadania Global deverá aprofundar o vínculo entre desenvolvimento, equidade e justiça. É necessário, por isso, adotar modelos mais realistas que assumam o compromisso claro de combater às injustiças, desigualdades locais, regionais e globais, abrindo perspectivas a uma

Educação democrática para a cidadania global. Todas as formas de exclusão, social, cultural, digital, ou outras, são obstáculos à afirmação de uma cidadania global.

A pandemia revelou, para além, do despreparo dos sistemas de saúde para responder às necessidades da população, sobretudo das mais carenciadas, as enormes desigualdades sociais existentes no Brasil e noutros países periféricos e semiperiféricos, como as novas tecnologias de informação e comunicação não são acessíveis a todos os estudantes que frequentam a educação superior. Ou seja, a exclusão social, sobretudo dos estudantes que vivem na periferia das grandes cidades é acompanhada da exclusão digital. Consideramos que em situação de isolamento social, o acesso à internet gera menor isolamento e permite um confinamento mais criativo. As pessoas mais vulneráveis, do ponto de vista social, são as que estão mais expostas e também menos conscientes dos perigos e consequências da contaminação. Nessa perspectiva, a situação em que o mundo vive atualmente, provocada pela pandemia, revela, também, as relações assimétricas de poder, contribuindo, inextricavelmente, para o aumento das vulnerabilidades sociais, o que levanta questões de natureza ético-moral e política. As primeiras, relacionadas com o respeito pela dignidade humana, as segundas, com o exercício prático da cidadania. Esta realidade, só por si, põe em causa o acesso de todos à educação com repercussões, não apenas nas aprendizagens e respectiva qualidade, mas também na democratização do ensino e educação, tomando em consideração apenas a dimensão de acesso e não a de qualidade e sucesso para todos os que estão “incluídos” no sistema educativo. De nada adianta, na prática, a existência normativa dos direitos à educação se a realidade contraria sistematicamente esses direitos. Muitos estudantes desistiram dos seus cursos durante este período, só pelo fato de não terem acesso à internet. Outros não tiveram a oportunidade de acompanhar as atividades letivas e didáticas em condições minimamente estáveis.

As novas tecnologias de informação e comunicação não são meras realidades abstratas. São possibilidades concretas que podem contribuir, significativamente, para o aumento da qualidade de ensino e educação e, ao mesmo tempo, poderão, se bem utilizadas e exploradas todas as suas potencialidades, melhorar os processos de aprendizagem. O acesso desigual ao uso dessas ferramentas compromete, significativamente, as aprendizagens e, naturalmente, a própria qualidade de ensino. Na ausência de uma liderança confiável, no Brasil, e com um governo negacionista das evidências científicas, na contramão das recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e dos cientistas brasileiros, a pandemia acentuou as desigualdades sociais existentes, a vulnerabilidade de grande parte dos estudantes mais pobres que frequentam os cursos superiores e a própria vulnerabilidade do sistema de ensino.

Abordagem Metodológica

A situação de emergência decorrente da pandemia pela covid-19 fez com que muitas instituições migrassem para o Ensino Remoto Emergencial para ofertar aos seus estudantes subsídios necessários para as suas aprendizagens, enquanto as instituições de ensino superior (IES) continuam fechadas.

Com o fechamento das Universidades e a suspensão total das aulas presenciais, o ensino remoto tem sido a única maneira de os estudantes continuarem seu processo educativo, que, por sua vez, envolve múltiplas dimensões: a relação remota com a instituição, a relação pedagógica, a avaliação dos professores pelos estudantes, a disponibilidade de meios tecnológicos, o acesso à internet. Uma das maneiras de avaliar o desempenho das instituições de ensino é a realização de pesquisas e métricas, com o intuito de produzir indicadores para identificar pontos que precisam de melhorias. Para aprofundar as discussões a esse respeito e dar continuidade a essa reflexão, nossa pesquisa seguiu por uma abordagem quantitativa. Os dados são apresentados em gráficos e, posteriormente, analisados.

Como referimos anteriormente, do ponto de vista metodológico, optamos por um estudo quantitativo, de natureza descritiva, com a aplicação de um questionário com 10 perguntas fechadas.

Os estudos quantitativos caracterizam-se:

pele questionamento direto das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de indivíduos acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obter-se as conclusões correspondentes aos dados coletados. (Kerlinger, 1980, pp. 170-171)

O questionário é um instrumento quantitativo que permite ampliar, substancialmente, os sujeitos de pesquisa e, no caso concreto, visou medir a opinião dos sujeitos de pesquisa relativamente ao ensino remoto e às condições em que ele é ministrado. É, por isso, um estudo de opinião, de natureza abrangente. Partimos da percepção hipotética de que a maior parte dos estudantes tem uma perspectiva negativa relativamente ao ensino remoto, inclinando-se para o ensino presencial como a sua preferência predominante. O questionário foi constituído por 10 questões fechadas, com níveis de opção de 0 a 8, sendo que a primeira opção (zero) revela uma perspectiva totalmente negativa em relação ao ensino remoto e às condições em que ele tem ocorrido; a última (oito) assinala uma tendência totalmente positiva em relação ao enunciado

proposto. Neste sentido, a escala de 0 a 8 revela um grau de satisfação ascendente e de insatisfação descendente. A escala utilizada foi uma escala intervalar, ou seja, as opções têm, entre elas, o mesmo intervalo. O objetivo de aplicação de um questionário foi o de saber o grau de satisfação/insatisfação dos estudantes em relação ao ensino remoto, em comparação com o ensino presencial, tal como as condições em que ele se tem desenvolvido. A amostra foi aleatória, de caráter probabilístico. A % da amostra foi de 13% do universo, constituído por 2550 estudantes. Uma amostra significativa, tendo em consideração a população em estudo, mas não representativa, uma vez que não foi feito o estudo prévio do universo de pesquisa, tendo em consideração as variáveis gênero, idade e local de residência. A percentagem da amostra, mesmo aleatória, situa-se dentro dos parâmetros sugeridos pelos estudos quantitativos para um universo similar. Os sujeitos são estudantes do curso de Pedagogia de uma Instituição particular de Ensino Superior e, maioritariamente, do gênero feminino. O questionário foi inserido na plataforma *Google Forms* e respondido online pelos estudantes. Os gráficos apresentados foram gerados pelo próprio *Google Forms*. No que diz respeito às variáveis em estudo, selecionamos, aprioristicamente, as seguintes: eficácia do ensino remoto; adequação dos materiais didáticos; avaliação da aprendizagem; comparação entre ensino remoto e presencial; orientações dos professores; preparação da universidade para oferecer o ensino remoto.

Do ponto de vista analítico, apresentamos os dados coletados, organizados em gráficos de barras verticais, acompanhados por uma análise estatística e descritiva.

Análise, Interpretação e discussão dos dados coletados

Retomamos o objeto de estudo, questão de pesquisa e objetivo geral. O texto concentra-se numa reflexão sobre o ensino remoto emergencial, com estudo empírico, cujo objetivo foi refletir sobre os efeitos da pandemia na educação superior, com especificidade no Brasil e com mais especificidade ainda numa instituição particular de ensino superior. Quisemos saber quais as opiniões dos estudantes de um curso de Pedagogia sobre o ensino remoto emergencial? Como referido anteriormente, foi aplicado um questionário a 332 estudantes, num universo de 2550, o que constitui uma amostra probabilística de 13%.

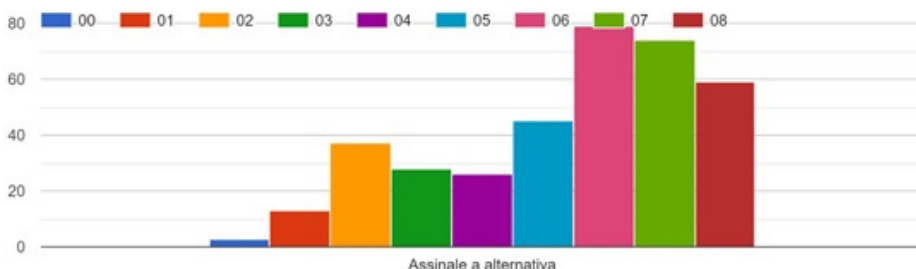
Para a análise dos dados consideramos uma avaliação muito positiva as respostas que se situam entre 5 e 8 da escala apresentada e uma avaliação negativa as respostas que se situam entre 0 e 4.

Em relação à primeira variável que selecionamos – eficácia do ensino remoto – o gráfico I mostra que a grande maioria dos estudantes (257) considera muito positiva

a sua eficácia, o que corresponde a uma porcentagem de 77,39% da amostra, tendo uma percepção negativa cerca de 23% da totalidade dos estudantes inquiridos. Todavia, é de salientar que no cômputo geral das respostas se verificam algumas contradições e conflitualidades entre as respostas à primeira questão, no âmbito da variável eficácia do ensino remoto e as respostas dadas às questões quarta e décima, no âmbito das variáveis aprendizagem e opção entre o ensino remoto e presencial, respectivamente. Da totalidade da amostra, 285 alunos consideram que o ensino presencial facilita as aprendizagens, mais do que o ensino remoto, o que corresponde a uma porcentagem que se aproxima dos 85% e cerca de 75% dos inquiridos optaria pelo ensino presencial, recusando o remoto. Não se entende, por isso, que 77,39% dos inquiridos tenha considerado a eficácia do ensino remoto.

Gráfico I

1. Em uma escala de 0 a 8, quanto você acredita que o ensino remoto oferecido pela universidade é eficaz?

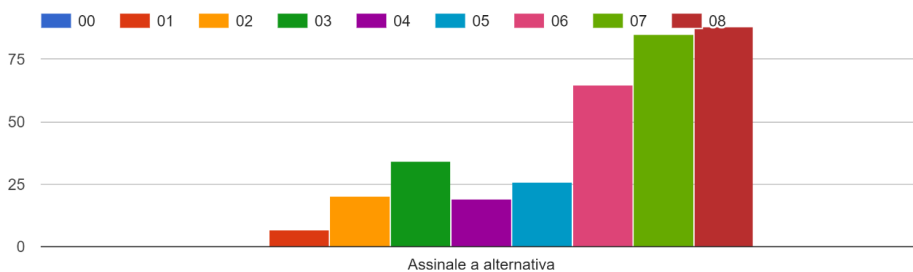


Fonte: Dados da Pesquisa

No que diz respeito à adequação das atividades para o ensino remoto (Gráfico II), 80% dos discentes (277) consideram as atividades adequadas o que, na nossa leitura, também conflitua com as respostas dadas às questões quatro e dez. Se as atividades são adequadas, não se entende por que consideram que as aprendizagens são dificultadas no ensino remoto e também não se entende a opção maioritária pelo ensino presencial. Naturalmente que as dimensões que estão envolvidas no ensino presencial são muito diferentes envolvendo a dimensão afetiva, a proximidade com o estudante, dificultadas no ensino remoto.

Gráfico II

2 — Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que as atividades para o ensino remoto em sua universidade são adequadas?

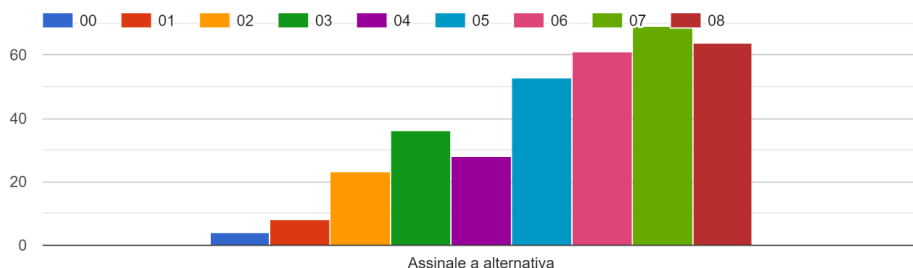


Fonte: Dados da Pesquisa

No que se refere à continuidade das aprendizagens em casa a partir dos materiais disponibilizados, 75% dos inquiridos consideram que são suficientes o que, supostamente, revelaria a adoção de estratégias didáticas que estabeleceriam a relação entre os ensinos síncrono e assíncrono. Ou seja, o primeiro diz respeito à interação simultânea dos participantes pela utilização das plataformas disponíveis; o segundo, pelo contrário, não está dependente do tempo em que as aulas ocorrem e os estudantes podem dar continuidade ao estudo e aprendizagem por intermédio dos materiais didáticos distribuídos ou disponibilizados nas plataformas. Cada estudante escolherá o tempo em que pode dar continuidade à sua aprendizagem. De referir que o ensino assíncrono é compatível, quer com o ensino remoto, quer com o presencial.

Gráfico III

3 — Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que os materiais oferecidos são suficientes para aprender em casa?

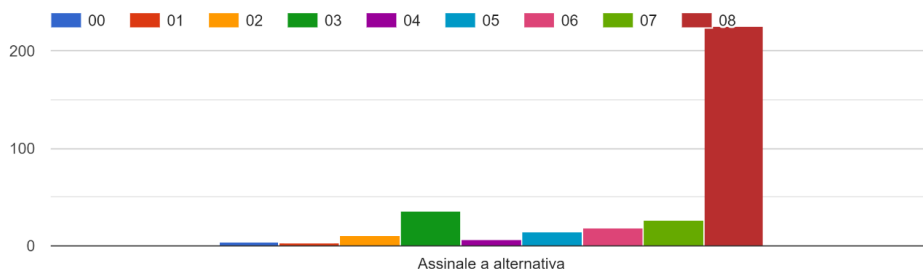


Fonte: Dados da Pesquisa

Já nos referimos anteriormente à relação entre ensino remoto e presencial no que diz respeito às aprendizagens. Claramente, a opção dos inquiridos inclina-se para o ensino presencial (85%) como facilitador da aprendizagem, recusando o ensino remoto como potenciador das aprendizagens. Apenas 15% dos inquiridos optam pelo ensino remoto, considerando que ele possibilita as aprendizagens, mais do que o ensino presencial. Por isso, nos questionamos, trazendo, de novo, a resposta à primeira questão, no que diz respeito à eficácia do ensino remoto. Onde está, afinal, a sua eficácia?

Gráfico IV

4 - Numa escala de 0 a 8 quanto você considera que o ensino presencial possibilita aprendizagens mais do que o ensino remoto

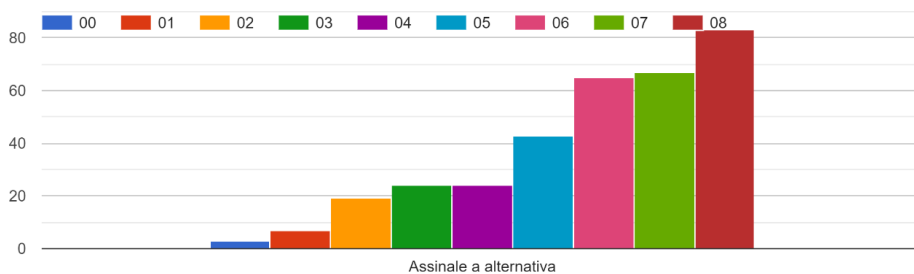


Fonte: Dados da Pesquisa

Se o questionário aplicado teve como finalidade conhecer as opiniões dos estudantes sobre o ensino remoto emergencial e, eventualmente, o seu posicionamento comparativamente com o ensino presencial, dele se infere também alguma avaliação da instituição. Neste aspecto, os estudantes avaliam muito positivamente os recursos digitais disponibilizados pela universidade (77,7%) e a sua contribuição para o ensino a distância, como se pode inferir a partir dos dados apresentados no gráfico V, o que corresponde a 258 estudantes dos 332 inquiridos.

Gráfico V

5 — Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que os recursos digitais da universidade ajudam no ensino a distância?

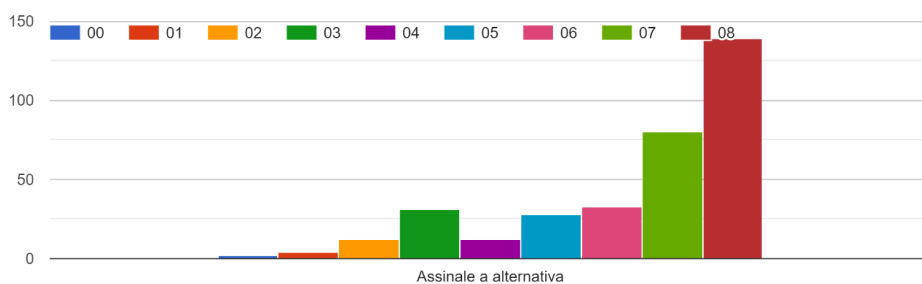


Fonte: Dados da Pesquisa

A representação dos discentes em relação à correção das orientações dos professores, em tempos de ensino remoto emergencial, é, manifestamente positiva, situando-se numa percentagem de 84,33%, o que corresponde a 280 discentes dos 332 inquiridos, como se pode constatar pelos dados apresentados no gráfico VI. Mais do que a avaliação da instituição, os alunos posicionaram-se em relação aos recursos didáticos utilizados e às orientações dos professores. Apesar da distância, os professores estão mais próximos dos alunos do que a própria instituição que é vista como uma entidade abstrata. Daí que se entenda a manifestação dos estudantes em relação às orientações dos professores. Nesta linha de raciocínio, as opiniões positivas dos discentes referem-se aos materiais utilizados, às orientações dos professores, às atividades desenvolvidas e à eficácia do ensino remoto. Parece, pois, que em qualquer uma das variáveis apresentadas, está presente a figura do professor.

Gráfico VI

6 — Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que os professores dão a devida orientação aos alunos?

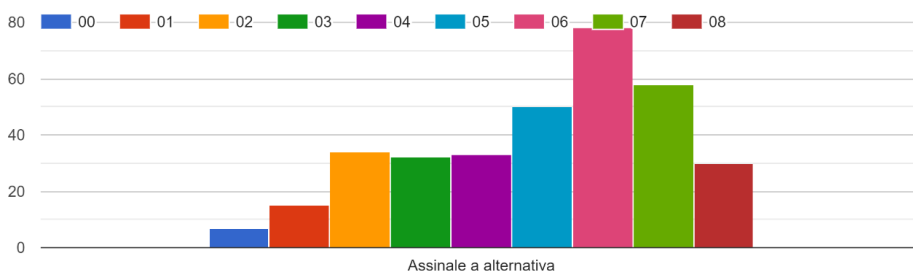


Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto à contribuição do ensino remoto para solucionar os problemas de aprendizagem, parece ter havido alguma dispersão de opiniões pelos diversos níveis. No entanto, 65% dos estudantes, que corresponde a 216 dos inquiridos, manifesta uma posição positiva em relação às possibilidades de o ensino remoto suprir as necessidades de aprendizagem. Em qualquer estudo quantitativo, que trabalha com variáveis, há que ter em consideração variáveis não previstas, tal como as variáveis aleatórias que podem influenciar os resultados. O facto de os alunos não terem que se deslocar para a universidade, pegando transportes, eventuais gastos em alimentação e poderem participar nas aulas a partir da comodidade das suas casas, pode ter contribuído para que as opiniões sejam maioritariamente positivas e que os impactos negativos do ensino remoto emergencial não tenham sido manifestados.

Gráfico VII

7 - Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que as aulas remotas suprem as necessidades de aprendizagem dos alunos?

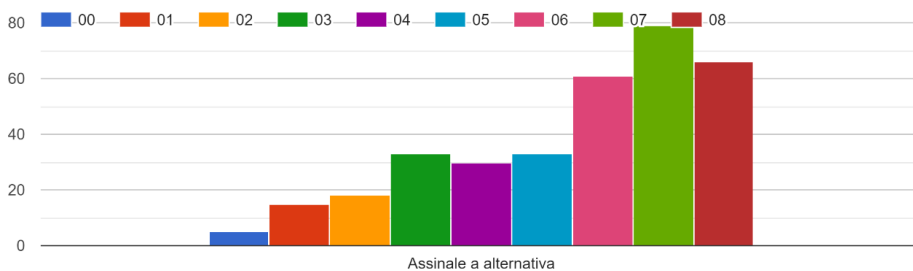


Fonte: Dados da Pesquisa

No que concerne à eficácia das avaliações na modalidade remota (Gráfico VIII), 72% dos inquiridos, que corresponde a 239 estudantes em 332, consideram as avaliações, em modo remoto, eficazes. Há que salientar, embora com uma expressão percentual reduzida (11%), que há estudantes que têm da avaliação em modo remoto uma opinião extremamente negativa. Em outro estudo, seria interessante identificar esses alunos, o seu perfil e o seu rendimento escolar para ajustar as respostas ao respetivo perfil dos estudantes. De salientar ainda que o processo de avaliação dos estudantes da educação superior no modelo presencial tende a considerar um conjunto de fatores, como a presença em sala de aula, a participação nos trabalhos, o empenho em trabalhos de grupo, a preparação prévia de temáticas a serem discutidas na aula, bem como os materiais didáticos a utilizar. Se algumas destas dimensões poderão ser avaliadas em modo remoto, outras há que se torna impossível observar. O processo formativo, tal como a avaliação que dele faz parte, é multidimensional.

Gráfico VIII

8 - Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que as avaliações são eficazes nessa modalidade de ensino?

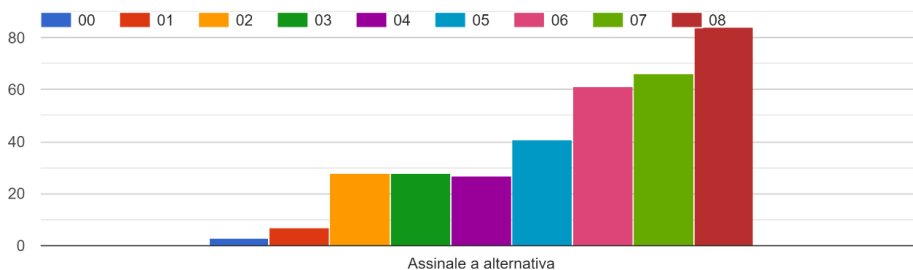


Fonte: Dados da Pesquisa

Como referimos, as instituições de educação superior e não superior tiveram, num curto espaço de tempo, de se adequar às novas circunstâncias criadas pela pandemia, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A questão em análise pretendia saber a opinião dos discentes acerca da preparação ou não da instituição para oferecer o ensino remoto. As respostas obtidas não diferem das anteriores nas quais os estudantes manifestaram opiniões muito positivas. Assim, 76% dos inquiridos consideram que a instituição está preparada para oferecer o ensino remoto, ou seja, cerca de 252 discentes. Os 80 alunos restantes distribuíram a sua opinião pelos níveis 0, 1, 2, 3 e 4. As opiniões expressas, (gráfico IX), revelam uma representação extremamente positiva dos discentes em relação à instituição onde desenvolvem o seu curso superior.

Gráfico IX

9 - Em uma escala de 0 a 8, o quanto você considera que a universidade está preparada para oferecer o ensino remoto?

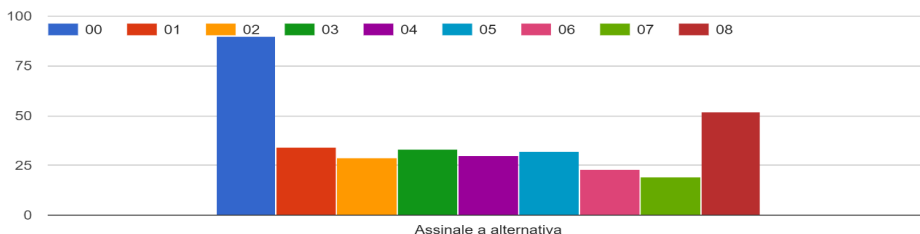


Fonte: Dados da Pesquisa

Como assinalamos anteriormente, as respostas à última questão, revela algumas contradições em relação às opiniões dos estudantes manifestadas em perguntas anteriores. Tendo a possibilidade de escolha entre o ensino remoto e o presencial, cerca de 216 alunos optariam pelo presencial e não pelo remoto, o que, do nosso ponto de vista entra em contradição com algumas das opiniões extremamente positivas em relação ao ensino remoto, expressas em perguntas anteriores, tendo em consideração as variáveis que foram tomadas como referência: eficácia do ensino remoto; adequação dos materiais didáticos; avaliação da aprendizagem; comparação entre ensino remoto e presencial; orientações dos professores; preparação da universidade para oferecer o ensino remoto. As porcentagens de valorização do ensino remoto emergencial coincidem, grosso modo, com a porcentagem de recusa do ensino remoto em situação de possibilidade de opção entre aquele e o ensino presencial.

Gráfico X

10 - Tendo possibilidade de escolher entre o remoto e o presencial, qual a possibilidade de escolha pelo remoto?



Fonte: Dados da Pesquisa

Como em situações anteriores, o gráfico revela, também, alguma dispersão de opiniões entre os diversos níveis propostos, o que pode significar alguma dificuldade dos estudantes na escolha e decisão da opção a assinalar.

Considerações finais

As reflexões que foram feitas ao longo do texto poderão contribuir para ampliar as inúmeras reflexões já existentes sobre a temática: muitas delas meramente teóricas, outras com dimensão empírica, aplicada ao ensino básico, ensino superior, disciplinas específicas, tendo como sujeitos estudantes e professores. Costuma afirmar-se que os tempos de crise, para além das suas dimensões negativas e dos impactos sociais e econômicos provocados, são também tempos de crescimento e aprendizagem. A pandemia da COVID 19 fez com que instituições educativas do mundo inteiro adotassem o ensino remoto emergencial para dar continuidade aos semestres letivos e os prejuízos para os estudantes não ampliassem os efeitos negativos da pandemia. Os professores, de um modo geral, se ajustaram às novas tecnologias, se reinventaram para dar continuidade às atividades científicas e pedagógicas. (Rondini et al., 2020). Os desafios enfrentados podem revelar o quanto as tecnologias digitais, de informação e comunicação são importantes para o processo de ensino-aprendizagem, não apenas como ferramentas de apoio, mas como aliadas. O estudo empírico realizado, um estudo de opinião, revelou que os estudantes inquiridos têm, genericamente, uma opinião favorável ao ensino remoto emergencial, embora, em caso de possibilidade de opção, se inclinem maioritariamente para o ensino presencial. Um dos aspectos que constituiu objeto da nossa reflexão foi a democratização da educação como fundamento incontornável para uma cidadania global. Referimos que a cidadania global, aquela que não hierarquiza seres humanos nem regiões geográficas, só poderá ser posta em prática a partir da profunda democratização das instituições de ensino e da luta pela justiça social e cognitiva. A ignorância é outra pandemia que não se resolve com vacina ou com medicamentos. A única terapia é a educação. Possibilitar que todos tenham acesso à educação, que todos permaneçam nas instituições de educação e que todos tenham o direito a uma educação de qualidade são condições incontornáveis para futuras mudanças na sociedade, para redução das desigualdades sociais, eliminação da miséria e da pobreza e de todos os vírus que as elites capitalistas transmitem e propagam. A experiência do ensino remoto emergencial tem revelado que muitos estudantes têm ainda dificuldade de acesso à internet e que estão processando a crise pandêmica de uma forma desigual, o que significa que existe ainda uma espécie de apartheid digital que exclui um número significativo de estudantes, sobretudo da população negra (Ferreira, 2020) – o que, do nosso ponto de vista, constitui uma dimensão do racismo e uma forma de violência e opressão que contribuem para a manutenção e perpetuação

da exclusão social e para a ampliação e aprofundamento das desigualdades sociais. Consideramos, finalmente, que o texto que construímos, com uma dupla dimensão – teórica e empírica – pode contribuir para ampliar os debates sobre o ensino remoto emergencial, sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação na educação, sua democratização e sobre a elaboração de políticas públicas que tenham em consideração a população estudantil mais frágil, os mais desfavorecidos, do ponto de vista social e econômico. Pensar a democratização da educação supõe, não apenas o acesso de todos à educação, mas o sucesso de todos na educação. O que a pandemia revelou pode constituir um suporte para a elaboração de políticas públicas que tenham em consideração os deserdados do mundo, os “condenados da terra”.

Referências

- Appenzeller, S.; Menezes, F. H.; Santos, G. G.; Padilha, R. F.; Graça, I. S.; Bragança, J. F. (2020). Novos Tempos, Novos Desafios: Estratégias para Equidade de Acesso ao Ensino Remoto Emergencial. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 44 (Suppl 01) <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200420>
- Arruda, E. P. (2020). Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede-Revista De Educação a Distância*, 7 (1), 257-275.
- Barbosa, A. M.; Viegas, M. A. S.; Batista, R. L. N. F. F. (2020). Aulas presenciais e tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. *Revista Augustus*, 51 (25), 255-280.
- Behar, P. (2020). *O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância*. In <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>.
- Castells, M. (2005). A sociedade em rede do conhecimento à política. In: Castells, M.; Cardoso, G (Orgs). *A sociedade em rede do Conhecimento à ação política*. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Ferreira, S. C. (2020) Apartheid Digital em tempos de Educação remota: atualizações do racismo brasileiro. *Revista Interfaces Científicas Humanas e Sociais*, 1 (10), 11-24.
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais*. EPU/EDUSP.
- Neves, V. N. S.; Valdegil, D. de A.; Sabino, R. do N. (2021). Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID 19 no Brasil. Estado da arte. *Práticas Educativas: Memórias e Oralidades*, 2, (3), <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.5271>
- Moreira, J. A. ; Henriques, S.; Barros, D. (2020). Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. *Dialógica*, 34, 351-364.
- Rondini, C. A., Pedro; K. M.; Duarte, C. dos S. (2020). Pandemia da COVID-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *EDUCAÇÃO*, 10 (1), 41-57. <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>

Manuel Tavares

Doutor em Filosofia pela Universidade de Sevilha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE - Vergueiro)

Email: manuel.tavares@outlook.com.br

Orcid.org/0000-0003-2463-7383

Sandra Gomes

Licenciada em Pedagogia. Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Professora do Curso de Pedagogia.

Email: san.r.gomes@hotmail.com

Orcid.org/0000-0002-0437-3926

Minéa Paschoaleto Fratelli

Licenciada em Pedagogia. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE).

Email: mpfratelli@sme.prefeitura.sp.gov.br

Orcid.org/0000-0002-1800-294X

Correspondência

Manuel Tavares

Universidade Nove de Julho (UNINOVE), São Paulo- Brasil

Data de submissão: Junho 2021

Data de avaliação: Agosto 2021

Data de publicação: Novembro 2021